

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉ LUIZ RIBAS PEREIRA

A ECONOMIA DA ERVA-MATE A PARTIR DOS DISCURSOS DOS PRESIDENTES DE  
PROVINCIAS DO PARANÁ, 1860 – 1870

CURITIBA

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉ LUIZ RIBAS PEREIRA

A ECONOMIA DA ERVA-MATE A PARTIR DOS DISCURSOS DOS PRESIDENTES DE  
PROVINCIAS DO PARANÁ, 1860 – 1870

Monografia apresentada como requisito parcial  
à obtenção do diploma de graduação de História  
– Memória e Imagem. Departamento de  
História. Setor de Ciência Humanas, da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Lima.

CURITIBA

2016

## RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade analisar os discursos publicados dos presidentes de província, como também da sociedade no jornal O Dezenove De Dezembro sobre a extração, produção e comercialização da erva mate entre 1860 a 1870. O período se justifica como sendo, devido a Guerra do Paraguai, o primeiro período de auge na produção. A leitura histórica sobre o período mostra a importância que a erva mate exerceu sobre a economia paranaense, desenvolvendo o comércio, impulsionando a urbanização e uma industrialização, mesmo que de forma sutil. Por sua vez, os relatórios dos presidentes de província apresentados a Assembleia Provincial vão para a ideia de uma economia extrativista, voltada para a subsistência e de processo rudimentar. A visão da sociedade encontrada no jornal indica uma visão mais extrema, os trabalhadores da extração do mate são vistos como indolentes e não laboriosos. A discussão dessas diferenças terá como fundamentação teórica a contribuição de Koselleck (2006) sobre a construção de conceitos antiéticos assimétricos.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2. O PAPEL DA ERVA MATE NA ECONOMIA PARANAENSE .....</b>	<b>9</b>
2.1 OS CONCEITOS ASSIMÉTRICOS DA HISTÓRIA DOS CONCEITOS DE KOSELLECK.....	17
<b>3. OS DISCURSOS DOS PRESIDENTES DA PROVÍNCIA DO PARANÁ (1860 -1870).....</b>	<b>20</b>
3.1 JOSÉ FRANCISCO CARDOSO .....	20
3.2 ANTÔNIO BARBOSA GOMES NOGUEIRA.....	21
3.3 SEBASTIÃO GONÇALVES DA SILVA .....	22
3.4 ANDRÉ AUGUSTO DE PÁDUA FLEURY.....	22
3.5 POLIDORO CEZAR BURLAMAQUE .....	24
3.6 JOSÉ FELICIANO HORTA DE ARAÚJO .....	25
3.7 ELEMENTOS COMUNS NOS DISCURSOS DOS PRESIDENTES SOBRE A ERVA MATE.....	27
<b>4. DISCURSOS NO JORNAL O DEZENOVE DE DEZEMBRO .....</b>	<b>29</b>
4.1 OS DISCURSOS ENTRE 1860 – 1870 .....	29
4.2 ELEMENTOS NOS DISCURSOS NO JORNAL O DEZENOVE DE DEZEMBRO .....	35
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>6. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>39</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Na década de 1860 governaram o Paraná dez presidentes nomeados pelo Imperador: José Francisco Cardoso; Antônio Barbosa Gomes Nogueira; José Joaquim do Carmo Júnior; André Augusto de Pádua Fleury; Polidoro César Burlamaque; José Feliciano Horta de Araújo; Antônio Augusto da Fonseca e Antônio Luiz Affonso de Carvalho.

De maneira geral, esses presidentes de província permaneceram em seus cargos por alguns meses, muitos não chegando a completar um ano na posição, com exceção dos presidentes Antônio Barbosa e André Fleury que permaneceram no cargo por volta de 2 anos.

Por outro lado, os vice-presidentes, cargo de indicação das Assembleias Locais, e, portanto, dependentes da dinâmica política da província, tiveram uma rotatividade menor quando observamos aqueles que assumiram o governo paranaense. Teremos, para o mesmo período, os seguintes vice-presidentes que assumiram o governo da província: Manoel Antônio Ferreira; Sebastião Gonçalves da Silva; Agostino Ermelino de Leão; Manoel Alves de Araújo e Carlos Augusto Ferraz de Abreu.

Agostino Ermelino de Leão, juiz e político e com o pai de mesmo nome, assumiu o governo durante esse período em três oportunidades. Da mesma forma, Carlos de Abreu, advogado e posteriormente juiz de direito, assumiu o governo por duas vezes.

As fontes para a análise dos discursos partem de duas bases: A primeira, do Arquivo Público do Paraná, onde temos os chamados Relatórios do Governo. Para esse período 1860 a 1870, temos um total de 18 relatórios, divididos em nove relatórios de transmissão de administração, sete relatórios de abertura de sessão e duas falas dirigidas à Assembleia Legislativa Provincial. Basicamente, esses relatórios funcionavam como uma prestação de contas quando o presidente deixava o governo da província, ou, em ocasiões especiais, como nas reuniões de abertura da Assembleia. De maneira geral, esses documentos constituem um parecer importante sobre a situação naquele período.

A segunda fonte tem por base o jornal O Dezenove De Dezembro, surgido em 1854, por influência do presidente Zacarias de Góes e Vasconcelos e como uma necessidade vista pelo governo de dar divulgação aos atos do governo providencial, sem

a necessidade de utilizar os periódicos paulistanos ou por editais fixados à porta da Câmara ou da Igreja (MIZUTA, 2013).

O período 1860 – 1870 justifica-se pelos seguintes motivos: a erva representava boa parte da arrecadação da província, era o principal produto de exportação, passou por um período de queda nos preços – até 1864 – e posteriormente por um período de alta nos preços e de volume exportado durante a Guerra do Paraguai, sendo então segundo dados de Westphalen (1998), um primeiro período de auge da produção ervateira.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. Após esta introdução, o segundo capítulo tem como objetivo fazer um levantamento bibliográfico dos estudos sobre a erva-mate no período em que estamos analisando os discursos dos presidentes da província e do jornal Dezenove de Dezembro, além de trazer a história dos conceitos de Koselleck (2006) como base teórica para analisarmos os valores e visões sobre um mesmo tema que tinham o jornal e os presidentes de província.

A importância da erva-mate para o desenvolvimento socioeconômico e cultural do Paraná é consenso entre todos os autores analisados, pela estrutura própria do processo produtivo do mate que se mostrou diferente de outras atividades tanto no que tange à mão-de-obra utilizada, no desenvolvimento de uma economia extrativista que possibilita o surgimento de uma burguesia organizada com poder político e financeiro, entre outras coisas. O impacto da elite do mate tanto na modernização da arquitetura e da estrutura das cidades ocorrida no final do século XIX é algo que Pereira (1996) discute ao analisar a trajetória econômica do mate durante o século XIX e seus impactos na cultura e na sociedade paranaense da época, de diferentes modos. O autor analisa desde o modo de produção autônomos do começo do XIX até os impactos modernizantes trazidos pelos grandes ervateiros já no final do século, no auge da erva-mate.

Vanali (2013) faz uma análise sobre a trajetória da erva-mate como produto consumido desde os tempos pré-colombianos nas regiões platinas e de que maneira ele se consolida, na região do Paraná, como um produto com potencial para ser exportado para diferentes regiões da América do Sul ainda no século XVIII. Vanali centra sua análise nas diferentes intervenções estatais, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, quando acontece o chamado *boom* da erva-mate. Seja por meio de leis que

limitam o período de colheita da erva, regulamentos acerca da pureza e qualidade do produto final, medidas que buscavam fomentar o desenvolvimento tecnológico do processo de produção, impostos e taxações que tinham como objetivo valorizar o produto e torna-lo mais competitivo frente aos concorrentes, ou mesmo aumentar a arrecadação estatal.

A discussão teórica envolvendo a história dos conceitos de Koselleck (2006) tem como objetivo colocar o tema da erva-mate dentro dessa perspectiva teórica, partindo do pressuposto de que fenômenos históricos devem ser analisados a partir dos conceitos e da linguagem conceitual que os regem. As divergências entre conceitos trazem o que Koselleck chama de assimetria, ou conceitos assimétricos, que não necessariamente são opostos, mas divergem sobre um assunto qualquer em um determinado período histórico. Essa análise tem como objetivo relacionar a visão estabelecida pelos presidentes de província e pelos artigos do jornal Dezenove de Dezembro sobre a erva-mate, seu processo de produção, a dependência econômica da província em relação ao produto, as peculiaridades cotidianas e culturais que ela estabelecia, entre outras coisas. Quando as diferentes maneiras de enxergar a erva-mate são colocadas sob a luz da teoria de Koselleck, podemos perceber que apesar da insistência de atores sociais do período em negativizar/diminuir a importância do produto e daqueles que com ele lidavam (principalmente os camponeses livres que faziam daquela boa parte de seu sustento), a erva-mate gerava riquezas e inegavelmente trouxe algum tipo de desenvolvimento econômico e tecnológico para a província.

A discussão bibliográfica nos deu bases para a compreensão da importância do mate no desenvolvimento paranaense, mas ela deixa lacunas que essa pesquisa tem o objetivo de preencher, principalmente no que diz respeito à preocupação dos presidentes de província com a dependência do Paraná em relação ao mate. Ainda que a bibliografia toque no assunto em alguns momentos, a partir da leitura das fontes percebemos a recorrente preocupação dos políticos e burocratas do estado com a questão da dependência.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar os discursos dos presidentes entre 1860-1870 sobre a questão da erva-mate, elucidando a visão de alguns a respeito

do produto dentro da economia e da sociedade paranaense. Ao enxergarmos a existência de discursos que constantemente ressaltam os pontos negativos da dependência da província com o mate, nosso objetivo secundário também é demonstrar um contraponto em relação a parte da literatura estabelecida sobre o tema, que pouco ou muito vagamente toca nesses problemas. Essa discussão está presente no nosso terceiro capítulo, onde analisamos os discursos dos presidentes.

O quarto capítulo tem por objetivo resgatar o discurso de parte sociedade presente nas publicações do jornal O Dezenove De Dezembro durante o mesmo período. Veremos que a visão negativa sobre a erva mate é sustentada nas publicações, indo para um tom mais ríspido.

O quinto e último capítulo trata das nossas considerações finais sobre a pesquisa desenvolvida. É onde trazemos os contrapontos que consideramos relevantes ao debate historiográfico, econômico e cultural estabelecido sobre a erva-mate no período do Paraná província.



## 2. O PAPEL DA ERVA MATE NA ECONOMIA PARANAENSE

Tendo por objetivo ampliar o horizonte de análise e fornecer uma base contextual e conceitual sobre o tema da erva-mate na província do Paraná, realizamos uma revisão bibliográfica pertinente ao tema, elencando alguns dos autores que consideramos mais relevantes sobre o assunto e que tiraram conclusões que de certa forma complementaram, orientaram, contrapuseram e auxiliaram no desenvolvimento do trabalho. Destacam-se principalmente os trabalhos de Pereira (1996), Vanali (2013) e Lima (2005) e Lima (2011).

A erva-mate foi uma importante atividade agroindustrial organizada do Paraná. Por agroindustrial, nós queremos dizer um processo de beneficiamento de uma matéria-prima proveniente da agricultura. Os engenhos, nesse sentido, eram os locais onde o produto “bruto” era transformado em erva-mate após uma série de etapas de beneficiamento. A atividade começou com pequenos proprietários de terra que viviam da extração do mate, empregando trabalho familiar, alguns proprietários que usavam trabalho escravo, assalariados e industriais que beneficiavam o mate, o que desenvolveu a região e formou uma classe média de produtores do mate.

O Paraná era a quinta Comarca da Província de São Paulo. Com a ajuda do ciclo do mate, a região desenvolveu-se e diferenciou-se de São Paulo o que contribuiu para a Emancipação Política do Paraná que ocorreu em 19 de dezembro de 1853(MAGALHÃES FILHO, 1996).

A produção e comercialização da erva-mate iniciaram-se na região desde 1722 (VANALI, 2013, p.12) quando a Coroa Portuguesa dá liberação aos produtores da *congonha* exportar a erva beneficiada para as regiões platinas, principal consumidora do produto. Pereira (1996) traz importante discussão acerca do tema. No livro, o autor contextualiza a formação da erva-mate como atividade econômica que adquire importância cada vez maior na economia paranaense durante o decorrer do século XIX, chegando ao ápice de sua importância na virada do XIX para o XX. Para ele,

“A indústria do mate e suas subsidiárias (as metalúrgicas, as barricarias e as litográficas) deram o toque dominante à sociedade paranaense do final do século XIX e início do século XX. Da forma da casa, pela qual o burguês procurava representar-se, ao ritmo da vida cotidiana, tudo era indústria.” (PEREIRA, 1996, p. 56)

A importância atribuída por Pereira ao produto para o desenvolvimento da indústria e da sociedade paranaense como um todo é muito cara à nossa análise e será retomada posteriormente, quando da análise das fontes. Adiantando brevemente a discussão: ainda que não tenhamos como intenção negar as mudanças trazidas pela economia ervateira que o autor ressalta logo acima, principalmente por suas inúmeras especificidades em relação a outras formas de produção que vigoravam no Paraná no mesmo período, acreditamos que as limitações e problemas que a produção da erva traziam para o contexto paranaense devem ser ressaltados. O próprio autor elenca alguns desses pontos negativos e problemáticos que envolvem a produção da erva-mate:

“A partir da metade do século [XIX], houve um boom dos preços do mate no mercado internacional e, com ele, uma proliferação de engenhos em Curitiba. Com isso, aumentou a parcela da população local inserida na economia de mercado, seja na extração do mate ou como trabalhadores jornaleiros de engenho, o que acabou por desestruturar de vez a agricultura de subsistência. Os pequenos agricultores, além de não produzirem para si e para suas famílias, deixaram de atender ao crescente mercado urbano.” (PEREIRA, 1996, p. 34).

Os problemas trazidos pela produção da erva-mate eram os seguintes: diferente de outros tipos de produtos como milho, trigo, arroz e etc., ela não exigia técnicas agrícolas aprimoradas para seu cultivo e extração. Como era um produto que se encontrava na natureza com grande facilidade, qualquer um tinha condições de retirar o produto em grandes quantidades e entrega-los a engenhos em troca de alguma quantidade razoável em dinheiro.

Essa dependência econômica em relação ao mate preocupava os governantes principalmente pelas incertezas que a lucratividade a longo prazo geravam. Afinal, mesmo que a indústria nascida a partir da cultura ervateira tenha sido incipiente, tinha grande impacto na economia. A atividade ervateira, que chegou a representar 85% da economia do Paraná acabou influenciando o início, ainda que indiretamente, o início

processo de instalação de outros tipos de atividades comerciais (como o surgimento de indústrias) na província. (BALCEWICZ, 2000).

Ainda que isso não tenha significado que a produção de outros produtos se extinguiu, ou que os camponeses deixavam de plantá-los em épocas onde não ocorria a colheita do mate, as peculiaridades que envolviam o beneficiamento do mate, na visão de alguns presidentes de província e de alguns artigos no Dezenove de Dezembro, acabavam tendo efeitos na produção de outros gêneros. De tempos em tempos, problemas econômicos e sociais gerados pela escassez de gêneros básicos como milho, trigo e feijão aconteciam e o mate era considerado um dos culpados por isso. (PEREIRA, 1996).

Os presidentes da província, como veremos de maneira mais aprofundada adiante, enfatizavam os problemas que envolviam a produção do mate constantemente, por se tratar de produto meramente extrativista e por tornar-se cada vez mais, dadas essas condições próprias de seu desenvolvimento, uma das únicas fontes do estado para a geração de riquezas. Ainda que essa fosse uma preocupação constante de todos os presidentes, o que se viu a partir dos anos 1870, como nos mostra Vanali (2013) foi uma série de medidas tomadas com o intuito de fortalecer e ampliar a produção e exportação do mate. Desse modo, ainda que demonstrassem preocupação com a dependência da província em relação ao mate e tomassem algumas medidas para diminuir isso, na prática as coisas ou não deram tão certo, ou foram insuficientes.

Também é importante ressaltar as mudanças na forma de produção e comercialização que a erva-mate passou durante o século XIX, seja pelas demandas do mercado consumidor por uma maior qualidade das ervas, que eram constantemente adulteradas por alguns dos produtores que buscavam maximizar os lucros com a venda do produto. A crescente sofisticação da produção acabou causando, paulatinamente, a diminuição dos engenhos 100% manuais, ainda que eles tenham continuado a existir. Com isso, engenhos maiores passam a se destacar e utilizam da mão-de-obra livre para produzir o mate. Surge então um certo domínio dos grandes engenhos, que davam conta de beneficiar em maior quantidade e qualidade, o que acarreta num lento e progressivo desaparecimento dos pequenos e rústicos engenhos.

A mão-de-obra livre se populariza a partir da década de 1830, ou seja, de maneira muito precoce para o contexto brasileiro. Acaba sendo um dos fatores que mais diferenciam o mate de outras formas de produção que vigoravam no estado como a pecuária, feita em grande parte por mão-de-obra escrava. A utilização de mão-de-obra livre foi consequência direta desse processo de diferenciação entre grandes e pequenos engenhos. Segundo Pereira:

“O envolvimento da população mais pobre, principalmente dos libertos, não deixou de ter suas armadilhas. [...] Quando esses burgueses começaram a dominar também o universo da produção, com isso estavam capturando o conjunto de técnicas dominadas pela população livre. [...] Isso promoveu uma separação entre os produtores. Alguns poderiam se manter como autônomos, outros deveriam tomar o caminho do engenho, tornando-se trabalhadores jornaleiros.” (PEREIRA, 1996, p. 48-49).

O que levou a burguesia ervateira a utilizar-se da mão-de-obra livre na produção do mate foi, principalmente, a sazonalidade das atividades ervateiras. Essa questão acerca da grande quantidade de pessoas que trabalhavam na extração do mate, por ser ele um produto de fácil colheita e que não necessitava de grandes esforços técnicos e físicos para ser extraído, talvez ajude a explicar o que Lima (2005, p. 1-25) analisou, ao menos na freguesia de São José dos Pinhais, entre 1852-1886.

De acordo com Lima (2005), é muito baixa, comparada a outras atividades agrícolas como a pecuária, a existência de donos de escravos que lidassem com os ervais. A baixa presença de escravos na lida com o mate talvez tenha relação com o fato de ser uma atividade exercida, na maioria dos casos, por famílias mais pobres, onde todos os integrantes se empenhavam em busca de um melhor sustento. Além disso, há a questão da sazonalidade: como ocorriam em determinados períodos do ano, os escravos acabariam ficando ociosos durante boa parte do tempo, constituindo um tipo de capital imobilizado, já que, por terrível que seja, escravos eram mercadorias e não eram baratos. Partindo daquilo que o autor traz como novidade, a relação entre a posse de ervais e a utilização de mão-de-obra escrava, pode-se inferir, nesse sentido, que o fato de os engenhos contarem com trabalhadores livres teria relação com a forma de envolvimento dos camponeses com o mate desde sua extração.

Voltando ao livro de Pereira (1996), o pesquisador também ressalta a importância dos grandes empresários do mate no desenvolvimento e modernização de centros urbanos no Paraná, principalmente na região de Curitiba. Segundo ele, ao citar as inúmeras obras de embelezamento e drásticas mudanças arquitetônicas que ocorreram na cidade nas últimas décadas do século XIX:

“As obras foram administradas e parcialmente custeadas por magnatas do mate, principalmente pelo Barão do Serro Azul e pelo Comendador Fontana. Na face noroeste do parque, foi construído o ‘Boulevard’ 2 de Julho (Av. João Gualberto), arborizado com palmeiras, no qual localizava-se a residência recém-edificada do próprio Comendador Fontana e onde outros industriais do mate, como os Leão, construiriam os palacetes celebrativos do seu sucesso empresarial, em meio a amplas áreas verdes. O conjunto formado pelo Passeio Público e pelo Boulevard 2 de Julho, com suas residências palacianas, expressava exemplarmente uma das facetas da cidade burguesa da virada do século.” (PEREIRA, 1996, p. 109)

Essas transformações, de acordo com o autor, vinham ocorrendo lentamente desde a década de 1850, quando o *boom* dos engenhos de mate fez formar “uma camada populacional tipicamente cidadina” (PEREIRA, 1996, p.111). A importância que Pereira atribui à erva-mate no desenvolvimento urbano e na criação de uma cultura cidadina é um dos fios-condutores de sua análise sobre a importância da erva-mate no cotidiano dos paranaenses nos finais do século XIX e início do século XX.

A comparação com os discursos oficiais dos presidentes de província sobre a precariedade, os limites e os problemas que a indústria da erva-mate trazia para a economia paranaense durante os anos em que analisamos. Podemos dizer que, comparando com a visão da burocracia estatal que vivenciou as décadas de 1860 e 1870, o autor traz uma visão mais positiva e otimista da importância dos grandes ervateiros para o desenvolvimento do estado do Paraná.

Nesse sentido, os estudos trazidos por Pereira (1996), que é o nosso principal referencial bibliográfico e contextual sobre o período e o objeto de pesquisa que analisamos, são de suma importância para a compreensão de diversos fatores que envolveram a produção da erva-mate, como: a relação entre a produção de erva-mate e o surgimento de uma camada de trabalhadores livres que viam nela uma ótima fonte de

renda extra, os problemas relativos à carestia de alimentos que eram, em parte, causados pela erva-mate e a forma como era extraída, praticamente por qualquer indivíduo.

A obra nos ajuda a compreender como a erva-mate foi responsável por diversas transformações socioeconômicas, principalmente pela grande quantidade de recursos que trouxe para o estado do Paraná. Os problemas que envolviam sua produção também são citados na obra, no sentido de mostrar como o mate era algo problemático apesar dos lucros e das riquezas que gerava. Fatores como a importância dos ervais no desenvolvimento urbano e no fomento de uma cultura cidadina nas principais cidades do estado à época também deixam claro que a erva-mate, mesmo com todas as controvérsias que gerou, foi um dos principais agentes perpetuadores das conexões entre a Curitiba da virada do século com os grandes centros mundiais, principalmente pelos grandes ervateiros que, pelo intercâmbio cultural que haviam adquirido em suas viagens, ajudaram a propiciar a inserção do estado do Paraná dentro de um contexto mundial de modernização e desenvolvimento urbano.

Vanali (2013) tem como objetivo tratar da importância e do significado da economia ervateira para o Paraná durante o período provincial, ressaltando que apesar de não ter uma importância significativa no âmbito nacional (em comparação ao café, por exemplo), no âmbito regional a erva-mate representou papel de destaque na

“formação social da região e do Estado[...] O mate era o principal sustentáculo da economia paranaense. Em relação à defesa desse produto de exportação e ao esforço de mantê-lo na posição de destaque nos mercados internacionais, se processam medidas de intervenção do Estado no domínio econômico, que se acentuam cada vez mais.” (VANALI, 2013, p. 5)

O objetivo da autora é tratar de que maneira o estado paranaense, por meio de medidas como regulamentos para a época de colheita do mate, regulamentos sobre a pureza e qualidade da erva que seria exportada, taxaço para proteção da erva beneficiada em solo paranaense, incentivos que buscavam o constante aperfeiçoamento e expansão da produção, entre outras, interviu diretamente na produção e desenvolvimento da economia da erva-mate.

É interessante ressaltar que, de certa maneira, a análise de Ana Crhistina complementa e aprofunda alguns dos elementos trazidos por Magnus Pereira, principalmente no que diz respeito à importância da economia da erva-mate para a arrecadação de impostos e para o desenvolvimento socioeconômico da província do Paraná. A autora traça a origem e expansão das grandes famílias ervateiras, que vão constituir em meados da década do século XIX aquilo que ela chama de “burguesia industrial exportadora do mate”.

A contribuição de Vanali ainda nos permite conjecturar sobre uma mudança no modo como os presidentes de província tratam a questão a erva mate, principalmente a partir de meados da década de 1870 (VANALI, 2013, p. 72), quando ocorre um crescimento vertiginoso no volume de exportações do produto e, por consequência, no volume de dinheiro e impostos circulando dentro dos limites da província paranaense (VANALI, 2013, p. 67). Essa hipótese surge a partir de um levantamento feito pela autora que mostra que, a partir de 1870, não por coincidência, aumentam o número de intervenções do governo no intuito de controlar, expandir, diversificar e fomentar a cultura da erva mate.

Ao trazer com maiores detalhes o desenvolvimento tecnológico, impulsionado pelo estado, que ocorre a partir dos anos 1870, que além de ter o intuito de combater as inúmeras fraudes e adulterações feitas, moderniza e racionaliza o processo de produção da indústria ervateira, tornando-o muito mais eficiente em todos os aspectos (da colheita/extração até a moagem e a saída do produto para o mercado consumidor):

“O avanço tecnológico também facilitou a resolução do problema da fraude na erva-mate beneficiada. Eram concedidos prêmios aos estudos e aplicação de novos equipamentos tecnológicos que melhorassem o método de preparação, o acondicionamento e o controle sobre o perigo da fraude.” (VANALI, 2013, p. 53)

Vanali elencar essas melhorias com maiores detalhes é importante pois, de certa forma, dá mostras da evolução da produção do produto. A preocupação dos governos sobre a eficiência da produção da erva-mate foi algo que Lima (2011, p. 35-72) trouxe; uma fonte muito interessante para o estudo dessa questão: texto escrito em 1837 por

Joaquim José Pinto Bandeira, negociante e burocrata da região de Curitiba, a pedido do Ministério do Império e por demanda do presidente da província, sobre a produção e comércio do mate, revela preocupações com a produção e o comércio do mate, que se relacionam com as que o presidente Vasconcelos elencara no seu relatório de 1854: o fato de a produção e extração da erva-mate ser muito rudimentar. Pinto Bandeira coloca a necessidade de mudanças na maneira com que se produz, extrai e se transporta a erva-mate, para que o potencial do produto fosse alcançado com mais eficiência.

A revisão da literatura sobre a erva-mate nos mostra, em certa medida, de que maneira a produção deste produto contribuiu para o desenvolvimento da economia da província paranaense, principalmente durante o século XIX. Mas ainda que ressaltem, durante passagens, alguns dos problemas que ocorriam oriundos dessa forte dependência do mate, nenhum dos autores se aprofunda de maneira significativa na análise de discurso dos presidentes de província sobre a economia ervaiteira e seu impacto no Paraná. Os textos, em sua maioria, ressaltam aquilo que o mate trouxe de positivo para a província e seus habitantes, no que diz respeito à grande circulação de dinheiro trazida pela exportação, no desenvolvimento promovido pelos grandes magnatas do mate, no estabelecimento do primeiro sistema produtivo agroindustrial do estado, entre outros aspectos.

A bibliografia, no entanto, deixa algumas lacunas que nossa pesquisa tem a intenção de preencher. Ainda que tenha se tornado a atividade econômica mais lucrativa do estado, a dependência do estado na produção de erva-mate foi vista de maneira negativa (até mesmo pejorativa) por muitos durante um tempo, principalmente no recorte temporal que buscamos analisar. A dependência em relação ao mate, longe de ser vista como algo reconfortante e positivo, era considerada um problema, seja pelas incertezas geradas pelo mercado consumidor do produto, seja pela maneira como a produção ocorria (sazonal). Isto era algo que, na visão dos presidentes de província e de alguns membros da elite burocrática da província que analisamos, atrapalhava o desenvolvimento diversificado da economia, entre outras coisas.



## 2.1 OS CONCEITOS ASSIMÉTRICOS DA HISTÓRIA DOS CONCEITOS DE KOSELLECK

A fundamentação teórica-metodológica utilizada aqui parte da contribuição da 'história dos conceitos' (*Begriffsgeschichte*), principalmente pelo trabalho do Reinhart Koselleck.

Em síntese, esse método propõe que os fenômenos históricos devem ser observados também por meio da linguagem conceitual. Isso é possível se partimos do pressuposto que a linguagem representa experiências históricas, ou seja, que as expressões linguísticas são dependentes de acontecimentos concretos. Há, portanto, um caminho por meio da linguagem de se estudar fatos políticos e sociais (JASMIM, 2006).

Por sua vez, as expressões linguísticas também são redefinidas pelos indivíduos por suas próprias concepções. Segundo Koselleck (2006, p.191), as formações dos conceitos pelos indivíduos passam por dois caminhos: o primeiro, uma convergência na definição, isto é, um reconhecimento mútuo da validade do conceito; o segundo; uma divergência que impede o reconhecimento pleno entre os indivíduos ou grupos sobre o conceito. Como exemplo, a divergência pode levar as alcunhas depreciativas, como quando o "empregador" é definido como "explorador".

A divergência leva ao que Koselleck (2006) chama de assimetria, que não deve ser entendido como oposto. A oposição de conceitos ocorre quando um grupo toma para si um conceito linguístico, rejeitando os demais. Por exemplo, quando um não-católico passa a ser delimitado como pagão ou herege, ou seja, a oposição de conceitos está relacionada a imposição de uma dicotomia por parte de grupo.

O entendimento de conceitos assimétricos e de conceitos opostos, nos leva a um subconjunto que está presente na linguagem política, os conceitos opostos assimétricos. Isto é, a presença de conceitos políticos dualistas e sem convergência de entendimento.

O objetivo do método semântico histórico-político é desconstruir o uso dos termos do passado, entendendo as estruturas que foram naquele momento empregadas e que delimitavam as relações entre os diversos grupos.

Koselleck (2006) ressalva que na busca do conhecimento histórico, deve-se evitar uma leitura dualista dos resultados históricos e dos movimentos que os provocaram,

ainda que o dualismo possa ter sido politicamente eficiente no contexto de origem. Como exemplo, o dualismo helenos x bárbaros, que apesar de ter um significado político e cultural importante e específico no contexto em que surgiu, toma diferentes formas e é utilizado com o mesmo sentido para contextos completamente diferentes, sempre partindo da ideia nós (superiores) x eles (inferiores). Mesmo com o passar do tempo, segundo Koselleck

“A figura de linguagem ficou preservada, no sentido de que o pólo negativo do bárbaro ou da bárbarie sempre se encontra disponível, por negação, para proteger a posição que se ocupa ou alarga-la expansivamente”(KOSELLECK, 2006, p. 206).

Por fim, o entendimento dos conceitos e do método leva ao objetivo de “questionar a estrutura argumentativa das figuras dualistas que ocorrem na linguagem, a maneira como as posições contrárias foram negadas” (KOSELLECK, 2006, p. 195).

As figuras dualistas que ocorrem na linguagem impedem que ocorra uma divisão correta sem um olhar científico. Portanto, para que as divisões históricas sejam consideradas com suas assimétricas linguísticas, é necessário que sejam investigadas em suas estruturas comuns e diferenciáveis (KOSELLECK, 2006, p.195).

Nesse sentido, a trajetória da erva-mate nos discursos dos presidentes de província pode ser inserida dentro da ideia central trazida por Koselleck sobre conceitos antitéticos e assimétricos. Encontramos três tipos diferentes de discursos sobre a erva-mate na trajetória da pesquisa: aquele dos presidentes de província no período analisado, outro presente em algumas matérias nas edições analisadas do jornal Dezenove de Dezembro. O terceiro, ainda que não esteja nas fontes, encontra-se na bibliografia que em geral enfatiza o lado positivo e quase unânime da erva-mate para o desenvolvimento do Paraná, sem enfatizar os contrapontos que estavam colocados mesmo naquela época.

Essas diferentes perspectivas nos mostram de que maneira a visão construída pela bibliografia e pelo “senso comum” da grandeza do mate deixa algumas lacunas que buscamos explicar em nossa análise. As oposições que envolvem os discursos sobre a erva-mate nos mostram, por exemplo, de que maneira há uma visão preconceituosa sobre o camponês que recolhe o mate e sua maneira rústica e pouco civilizada, ainda

que o trabalho dele seja de suma importância para a consolidação da economia da província. A velha relação “nós x eles”, como mostra Koselleck.

A grande contribuição da história dos conceitos para nossa análise é nos dar as ferramentas para enxergar as ambiguidades e assimetrias que existem no discurso dos presidentes e dos jornais, além da própria bibliografia sobre o assunto. Permite compreender a erva-mate como um fenômeno complexo e variado, que mesmo com a sua importância inegável para o desenvolvimento da província, não deixou de ter opositores e indivíduos que negavam a importância do produto e daqueles indivíduos que trabalhavam com ele.

### 3. OS DISCURSOS DOS PRESIDENTES DA PROVÍNCIA DO PARANÁ (1860 -1870)

Nessa seção vamos apresentar os discursos dos presidentes de província, agrupando os relatórios da Assembleia em ordem cronológica de cada governo, com exceção dos presidentes que assumiram em mais de um momento.

Diversos presidentes não tiveram os seus discursos analisados, pois não tiveram vinculados nenhum relatório, provavelmente devido ao curto espaço de tempo que ficaram no comando da província.

#### 3.1 JOSÉ FRANCISCO CARDOSO

É o primeiro presidente de província para o período analisado, assumiu a província em 2 de maio de 1859, permanecendo no cargo até 16 de março de 1861, totalizando, portanto, um ano e dez meses na governança do Paraná. Segundo Westphalen (1996, p. 60), José Francisco passou por turbulentos momentos com a política local. Sendo um político liberal, teve que enfrentar no Paraná uma oposição conservadora na Assembleia.

No relatório apresentado à Assembleia Legislativa na abertura da sessão em primeiro de março de 1860, ou seja, após 10 meses de governo, Cardoso tece críticas aos modos utilizados pela agricultura local: *“Tão rudes processos, de destruição completa, admira que guiem a maior parte dos nossos lavradores, com grave prejuízo do futuro agrícola”* (PARANÁ, 1860, p.68).

De maneira geral, Cardoso deixa claro o seu desejo por um aumento da produtividade agrícola, como a melhoria dos maquinários agrícolas, a rotação da terra e colheita.

Com relação a erva mate, destaca-se no relatório uma “má fama” que a produção leva, principalmente com relação ao setor comercial. A estocagem do produto por um longo período e o excesso de madeira misturada com a erva provocam, segundo o presidente Cardoso, certo descrédito no meio comercial.

No trecho citado a seguir, podemos notar esses detalhes:

“Não acompanho a opinião d’aquelles que attribuem só a cultura e fabrico da herva o atraso de outras industrias e a falta que se sente de gêneros alimentícios. A presteza com que se prepara a herva e sobretudo se colhe, compensa, é certo, o valor do trabalho empregado; mas além de haver tempo próprio para mister semelhante, acresce que, quanto a mim, a causa primordial d’aquelle atraso provem da incúria e indolência dos nossos lavradores” (PARANÁ, 1860, p.75)

No relatório quando da entrega do governo ao sucessor Antônio Barbosa Gomes Nogueira, Cardoso ressalva a necessidade de desenvolver as culturas do trigo, café, fumo e raças animais, sem citar, portanto, o papel da erva mate.

### 3.2 ANTÔNIO BARBOSA GOMES NOGUEIRA

Antônio Barbosa assume o governo da província do Paraná em 16 de março de 1861, permanecendo até 31 de março de 1863, ultrapassando, portanto, mais de dois anos no cargo. Nascido em Sabará, Minas Gerais, formado em direito, foi também desembargador pelo tribunal de justiça de Minas Gerais.

No relatório apresentado à Assembleia em 1862, o presidente apresenta em anexo um relatório de uma comissão formada para analisar a queda do preço da erva mate, fato que afetou o setor comercial paranaense (PARANÁ, 1862, p. 97).

Posteriormente no relatório apresentado em 1863, o presidente mostra preocupação com a queda na exportação da erva mate para o Chile e os demais mercados do Rio da Prata, mas sem compreender o real motivo para a queda:

“Realiza-se com a exportação da herva mate um facto, que não parece normal, economicamente falando. A exportação da herva tem diminuído, sendo acompanhada de uma revolução no valor nos mercados consumidores do Rio da Prata. Este facto indica que, ou esses mercados gozam de consumo do mesmo gênero de superior qualidade em proporções que pode prejudicar, pela concorrência o produto do Paraná, ou esse producto tem perdido em suas qualidades especificas e preciosas pela degeneração da matéria prima, ou vicio no fabrico.” (PARANÁ, 1863, p.47)

No mesmo relatório é possível encontrar o interesse da administração de incentivar outras culturas, como de trigo e algodão, devido à necessidade de diminuir a demanda por esses produtos do Uruguai e Europa, respectivamente. (PARANÁ, 1863, p.104)

### 3.3 SEBASTIÃO GONÇALVES DA SILVA

Antes do vice-presidente Sebastião da Silva assumir em 5 de junho de 1863, permaneceu de maneira interina o Coronel Manoel Antônio Ferreira durante dois meses, este não chegando a divulgar nenhum relatório sobre o período no governo.

No Relatório de transmissão de administração de 1863, o tabelamento das receitas do governo mostra um acréscimo na receita de exportação, entretanto devido ao aumento da quantidade e não do preço, pois este continuou apresentando queda segundo o relatório:

“A renda de exportação effectuada dentro do primeiro e segundo semestres dos dois exercicio demonstra um accrescimo (...) pela razão seguinte:- de haver sido exportada grande quantidade de arrobas de herva mate, que foram vendidas por um preço tão diminuto que há muitos annos a esta parte só agora é que soffre semelhante baixa.” (PARANA, 1863, p.30)

### 3.4 ANDRÉ AUGUSTO DE PÁDUA FLEURY

Após a saída do vice-presidente Sebastião Gonçalves da Silva, temos a assunção de José Joaquim do Carmo Junior, que permaneceu no governo por pouco a mais de três meses, para este encontramos um rápido pronunciamento sobre a econômica da erva mate, indicando caminhos para a prosperidade da província:

“...as condições essenciais da prosperidade financeira da província, não podiam ser outras senão, a economia e prudência no dispêndio dos dinheiros públicos, a expansão do commercio da herva mate, abrindo-se-lhe mercados mais extensos, a introduccção e desenvolvimento de novas indústrias na província...” (PARANÁ, 1864, p.21)

André Augusto de Pádua Fleury foi nomeado três vezes, alternando o governo com os vice-presidentes Manoel Alves de Araujo e Agostinho Ermelino de Leão. Fleury era formado em Letras e Direito, foi juiz municipal em Goiás e desenvolveu vários estudos sobre o sistema penitenciário, após ainda presidiu as províncias de Santa Catarina e do Ceará<sup>1</sup>.

A primeira posse do presidente Fleury ocorre em 18 de junho de 1864, durante 31 dias, após isso, assume Ermelino de Leão que permanece na governança durante três meses. Fleury reassume a província em 18 de novembro de 1864, permanecendo até 4 de junho de 1865. Novamente se afasta do cargo, deixando Manoel Alves de Araújo no posto durante 2 meses e 13 dias. Por fim, Fleury reassume e permanece até dia 23 de março de 1866.

No Relatório de 1865 encontramos importantes elementos que destacam a tentativa do governo de diversificar a economia paranaense e diminuir a dependência com a cultura do mate. As possibilidades levantadas são o cultivo de cereais, principalmente pelo crescimento da imigração de europeus para Santa Catarina e Paraná, a criação de gado e caprinos, externada em diversas ocasiões pelas compras realizadas com a aquisição de carneiros, e a tentativa de cultivo de algodão (PARANÁ, 1865, p.51).

Nesse mesmo Relatório temos a citação do cultivo de café como um produto em potencial:

“Nos municípios de serra abaixo, outro gênero de lavoura tem sido explorado com constância e notável vantagem; é o café, em que na colônia de Superaguy, segundo informou-me Luiz Durieu, actual administrador deste estabelecimento, ocupam-se exclusivamente os seus industriais moradores.” (PARANÁ, 1865, p.51)

Ainda neste relatório é apresentando os principais compradores da erva-mate, sendo os mercados do Prata. E embora ocorra a concorrência do Paraguai, o presidente

---

<sup>1</sup> Disponível em < [http://www.direito.usp.br/faculdade/diretores/index\\_faculdade\\_diretor\\_07.php](http://www.direito.usp.br/faculdade/diretores/index_faculdade_diretor_07.php)>

afirma que com a guerra essa concorrência irá diminuir. Mas é necessário buscar novos mercados.

Por outro lado, mostra que é preciso avançar muito, já que se tem pouca esperança que ocorra tão logo a exportação em grande ou pequena escala para Europa do mate. Onde o presidente solicita um maior zelo no benefício da erva-mate, para dessa forma ter maiores chances para exportação.

Manoel Alves de Araujo, então Presidente da Assembleia Legislativa, publica um texto no jornal O Dezenove De Dezembro onde registra sua preocupação com a diminuição na renda da província, e mostra otimismo com a lei nº 100 de 11 de abril sobre os incentivos para criação de carneiros (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1864, ed. 479 p.1).

Além da produção de lã proporcionar maiores ganhos que a erva mate, apresenta uma perspectiva positiva, tanto pelo não dependência do mercado argentino e chileno, como também pela demanda crescente de lã, inclusive na Europa.

Em publicação no jornal, em nota sobre as finanças da província. Ressalva-se sobre o aumento da renda, no entanto, que isso não significava um indício seguro de melhoras. Pois as atividades econômicas da província eram limitadas, concentrado apenas no comercio de animais e erva-mate.

Novamente a ausência de expansão do mercado consumidor é lembrado e a contínua queda dos preços, seja pela maior concorrência ou pelo aperfeiçoamento da produção (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865, ed. 574 p.1).

### 3.5 POLIDORO CEZAR BURLAMAQUE

Polidoro assume a província do Paraná após a saída de Ermelino de Leão em 15 de novembro de 1866, permanecendo no cargo até 17 de agosto de 1867.

No Relatório de transmissão de administração de 1867 novamente notamos a preocupação de incentivar a cultura de produção da lã, apesar de um baixo interesse pela população (PARANÁ, 1867, p.5)



Apesar de importância da erva mate para o comércio, o presidente apresenta certo otimismo com a mineração no entorno de Curitiba:

“A mineralogia se apresentou na exposição do anno passado com boas amostras de kaolim e outras argilas estimáveis, ferro, antimônio, ouro e diamantes do Assunguy, S. José dos Pinhaes, bairro do Tranqueira, freguezia do Iguassu, Curityba, fornecendo os arredores do Rio-Negro amostras de schistos betuminosos indicadores de jazidas de petróleo, quando não de carvão mineral” (PARANÁ, 1867, p.15)

De maneira geral, fica claro a esperança do presidente da geração de renda por outras fontes, como trigo, café e até mineração.

Outro ponto importante também é a atração de famílias alemãs vindas de Joinville, principalmente pelo reconhecimento que estas famílias dominavam boas técnicas na lavoura, “*Com a estrada de rodagem que se está construindo, a partir das terras do príncipe de Joinville, passando por S. José dos Pinhaes, maior incremento tomará aquella immigração...*” (PARANÁ, 1867, p. 14)

Novamente a falta de preparo técnico, principalmente com relação a qualidade do material vendido, foi alvo de crítica pelo presidente, como também anteriormente já feita pelo presidente José Francisco Cardoso:

“Infelizmente o preparo desta importante herva vae sendo feito com mito pouco escrúpulo, principalmente de serra acima. Muitos produtores misturam de envolta com ella, folhas de chuninha, quase semelhante a de congonha. É uma falsificação que, depois de preparada a herva nas fabricas, só póde ser conhecida pelo consumidor. Outros fazem-na avultar com enorme quantidade de páos, que depreciam necessariamente a herva; e, se continuar e for-se desenvolvendo a mais e mais este abusivo costume, não será de admirar se os paizes consumidores fizerem o que já fez o Chile uma vez, isto é, prohibirem a introduccão da herva mate nos seus mercados.” (PARANÁ, 1867, p. 14)

### 3.6 JOSÉ FELICIANO HORTA DE ARAÚJO

Assumiu a província do Paraná em 31 de outubro de 1867, permanecendo no cargo até 29 de maio de 1868. Foi advogado, deputado pelo Espírito Santo, e presidente do Tribunal de Justiça do Espírito Santo.

No Relatório de abertura de sessão legislativa, o presidente segue em linha semelhante aos seus antecessores, isto é, reafirma o papel do mate como o principal produto paranaense, mas recorda que se trata de um produto com mercado limitado, e possuir de qualidade inferior aos concorrentes do Paraguai (PARANÁ, 1868, p. 43).

Além disso, fica clara a postura pro imigração de alemães:

“Os alemães que aqui se estabeleceram espontaneamente em terrenos do patrimônio da câmara municipal (...) edificaram commodas vivendas, e por meio do trabalho assíduo e bem dirigido, conseguiram abastecer a capital de grande parte dos gêneros de primeira necessidade, introduzindo também o cultivo de plantas, cuja produção até então não figurava no mercado, e que hoje existe em abundancia.” (PARANÁ, 1868, p. 43).

Novamente, como em outros discursos anteriores, a geração da riqueza é vista como consequência da civilização, da conquista do solo, fato que explicava o estágio pouco avançado da província, “*É assim a (...) principal fonte da riqueza agrícola, é ali considerada mais uma conquista da civilização do que uma espontaneidade do solo.*” (PARANÁ, 1868, p. 44).

Por fim, no mesmo Relatório há a recomendação para seguir o exemplo da Inglaterra, e novamente reforça as vantagens da criação de carneiros.

Após isso ainda tivemos a passagens pelo governo os vice-presidentes Carlos Augusto Ferraz de Abreu e Agostinho Ermelino de Leão, como também do presidente Antônio Augusto da Fonseca, todos pouco se pronunciaram sobre a situação da erva mate.

Este último, em relatório para a Assembleia em 1869, ressalva que a erva mate tenderá a cair de preço após o fim da Guerra do Paraguai, devido ao retorno do Paraguai como exportador, sendo ainda uma erva de melhor qualidade (PARANÁ, 1869, p. 20).

O último presidente na década por Antonio Luiz Affonso de Carvalho, que permaneceu entre 27 de novembro de 1869 a 20 de abril de 1870. Também este pouco fala sobre a situação da erva mate, focando boa parte do relatório sobre questões de carência de estradas na província.

### 3.7 ELEMENTOS COMUNS NOS DISCURSOS DOS PRESIDENTES SOBRE A ERVA MATE

O objetivo aqui é encontrar os elementos comuns nos discursos dos presidentes da província entre 1860 a 1870, para em um segundo momento, comparar com aquilo que foi publicado no jornal durante o mesmo período.

Como sabemos, a erva mate representou o principal produtor de exportação e de arrecadação da Província durante esse período. Fato reconhecido pelos presidentes, mas não de forma positiva, mas sim como uma dependência, e muitas vezes como um entrave a busca de novos ramos agrícolas.

Em todos os presidentes analisados anteriormente, há a repetição que a indústria do mate era “rude” e “atrasada”. Ainda pela falta de cuidado com a qualidade da erva, o produto era visto como inferior a outros produzidos no exterior.

Há em quase todos a preocupação pelo restrito mercado do mate, que, naquele momento, se restringia somente ao mercado do Rio do Prata. Repete-se em diversas vezes que sem uma melhoria da qualidade, o produto, apesar do potencial, não entraria no mercado europeu.

Há também o incentivo para que o povo paranaense fizesse o plantio de trigo e algodão, processos que envolvem meios mais modernos de produção, considerados também, de forma implícita, mais civilizados. Nessa mesma linha, em diversas ocasiões o governo incentivou a produção de carneiros, visando gerar uma indústria da lã.

Na metade da década e adiante, nota-se o interesse da administração em atrair os imigrantes alemães para o Paraná. Estes eram vistos como possuidores de técnicas agrícolas melhores, e capazes de preparar o solo para a plantação de cereais, ou seja, algo exógeno ao sistema de produção vigente.

Com relação ao aumento do preço do produto durante a Guerra do Paraguai, apesar do impacto positivo na economia, nota-se tal consequência como um efeito efêmero, durável até o retorno do Paraguai como produtor.

#### 4. DISCURSOS NO JORNAL O DEZENOVE DE DEZEMBRO

Nesse capítulo vamos observar as colunas e relatórios publicados no jornal O Dezenove de Dezembro. O objetivo não é as publicações dos presidentes e sim de parte da sociedade e sua visão sobre a extração, fabricação e comércio da erva mate no período de 1860 – 1870.

Esse capítulo está dividido em duas partes: a primeira, os textos encontrados no jornal que discutem a erva mate; e uma segunda, uma breve discussão sobre os discursos encontrados.

##### 4.1 OS DISCURSOS ENTRE 1860 – 1870

Em edição de 1862, o editorial do jornal tece alguns comentários sobre os problemas fiscais enfrentados naquele momento. Nota-se uma declaração bastante enaltecida dos governos do presidente. A queda do preço do mate é vista como passageira e os incentivos a outros ramos da agricultura são elogiados (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1862, ed. 328 p.1).

Nota-se que o editor do Jornal, senhor Cândido Lopes, discorre sobre o governo do presidente de forma amena, não tecendo críticas sobre a dependência do mate, apesar dos elogios aos incentivos na agricultura.

No mesmo ano, na seção de notícias, a coluna sobre notícias comerciais, o jornal reproduz nota vinculada sobre a erva mate publicada no *Diário Oficial* de Montevideo. O jornal ressalva a observação da queda da qualidade da erva segundo o relato advindo do Uruguai, e cobra do governo imperial que os produtores locais sejam avisados sobre tal problema (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1862, ed. 335 p.2).

Tanto nessa parte, como em outras que veremos adiante, o jornal reproduz notícias de jornais no exterior ou comentários sobre a necessidade do produtor local melhorar a qualidade da erva, buscando qualidades relacionadas ao comumente citado Chá da China.

Exemplo disso pode ser visto na Edição 341, onde o jornal reproduz coluna da *Revista Commercial* sobre o sucesso de um chá de São Paulo fez no Rio Janeiro, quando utilizou processos mais sofisticados na produção. Nota-se claramente que o objetivo dessa reprodução era fazer uma propaganda sobre os ganhos de melhorar um produto local, tornando-o mais próximo de um padrão europeu (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1862, ed. 341 p.3).

Em 1863, novamente o editorial do jornal tece elogios a administração do presidente de província, que administrou a região com um cenário de queda do preço da erva mate e diminuição das feiras em Sorocaba (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1863, ed. 390 p.1).

Na edição 439, em coluna assinada por Manoel Marcondes de Sá, juiz municipal, oferece ao governo a construção de uma estrada passando por Campo Ere indo até a província de Corrientes na Argentina. Sobre o povoamento após a abertura da estrada e as consequências:

“Aberta a estrada, com summa facilidade se povoará este sertão, pois que ali, desde o primeiro anno, os individuos que forem se estabelecer, teem como com que ganhar para sua subsistência, na fabricação da herva mate...” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1863, ed. 439 p.4).

Podemos destacar nessa passagem, a visão da produção da erva como uma primeira opção e de maior facilidade, constituindo-se como uma renda de subsistência.

Em 1865, em coluna publicada sobre a erva mate, o conselheiro J. Marcondes escreve críticas direcionadas a falta de preparo da erva para torna-la uma bebida agradável e de mais fácil aceitação para o mercado europeu.

As críticas ficam mais duras quando o conselheiro se refere a forma de produção da erva e dos seus trabalhadores, solicitando que alguma atitude seja tomada nesse sentido:

“Cumpre ainda prevenir desde já que a ambição e indolência dos que o exploram não façam desaparecer esta preciosa planta, o que acontecerá, se não forem tomadas providências enérgicas em ordem a por paradeiro ao bárbaro processo da extracção da herva, feito por pessoas ignorantes que, confiadas na grande extensão dos hervaes, nem curam de renovar pela plantação as arvores que

morrem, nem se dão ao trabalho de fazer uma colheita sistemática.” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865, ed. 604 p.4).

Destaca-se que o tom da crítica deixa de ser brando, utilizando termos como “indolência”, “barbáro” e “ignorantes”.

Quando chega ao porto de Antonina uma carga de carneiros, é publicado no Jornal, em coluna não assinada, um pedido para que o governo distribuía os carneiros para aqueles que já apresentam capacidade e interesse na produção de lã, afirmando que está seria “...*novo elemento de riqueza que proporciona (...) um ramo de produção mais vantajosa do que a depreciada e hoje baratíssima erva mate...*” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865, ed. 614 p.4).

Ainda nesta mesma publicação é destacado que um novo ramo de indústria não está ao alcance de todos, devido as despesas, aptidão e perseverança.

Na coluna “publicação pedida”, onde o autor se identifica como Deo Ignoto, escreve sobre os campos e a excelente posição geográfica da província do Paraná. Entretanto, sua fala se destaca quando observa que a natureza exuberante e o clima ameno se contrastam com a pobreza da província.

“Quase sem exceção a natureza é rica e fecundíssima, os recursos são variados e imensos, e entretanto a agricultura geme na necessidade, o commercio definha, as industrias não medram e os outros elementos da civilização desenvolvem-se apenas com a marcha morosa da inercia...” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865, ed. 643 p.3).

O autor fala sobre as variedades dos climas e os diversos produtos que podem ser explorados em todas as planícies da província. O café, cana, arroz, algodão e o fumo são possíveis de plantar. Como também os frutos europeus: o trigo, aveia, o centeio e a cevada.

A falta de riqueza é justificada pela falta de instrução e de uma atitude empreendedora da população, “*Essa confiança no esforço próprio falta no Brasil*” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865, ed. 643 p.3).

Numa segunda carta, o autor foca-se na falta de infraestrutura de transporte no estado. A falta desta ocasiona que a erva mate, até chegar ao ponto final de comércio, já

se encontra com mofo e em estado de deteriorização, justificando assim que seja vendido por preços inferiores a erva vinda do Paraguai. Por fim, conclui: “...*tem tornado deste artigo de commercio a causa da pobreza da província, em vez de ser fonte de riqueza e prosperidade.*” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865, ed. 646 p.3).

Em apresentação sobre as finanças públicas da província e a tendência de decréscimo de arrecadação, o Inspetor Joaquim Dias da Rocha encontra na falta de dinâmica industrial o principal problema, e aponta para três motivos principais o atraso na província:

“1º Falta de estradas; 2º A transformação industrial porque passámos, determinando a diminuição de braços e por conseguinte circunscrevendo a atividade na zona de pequena agricultura, em vez de operar na grande indústria agrícola; 3º A ignorância dos conhecimentos agrônimos – a rotina – acariciada pela indolência da nossa população, que olha beatificamente para a arvore da congonha, como o povo do deserto para o maná, cahido do céu, convencidos de que para viver basta estender a mão e colher alguns ramos deste arbusto, que nasce espontaneamente e vegeta descurado dos labores do homem.” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1866, ed. 659 p.2)

Percebe-se certo distanciamento entre o discurso do presidente o responsável pelas finanças na província, enquanto o primeiro admite o problema da dependência do mate e apresenta propostas para uma melhoria, o segundo utiliza termos como “ignorância” e “indolência”.

Bento Fernandes de Barros<sup>2</sup>, em publicação no jornal O Dezenove De Dezembro sobre um panorama geral da província do Paraná, explica que a tendência para o cultivo do mate se deve ao lucro relativamente mais fácil que o trigo ou outras culturas, sendo o processo de melhoramento relativamente fácil e pouco complexo, justificando assim a predisposição dos trabalhadores por tal manejo.

Bento ainda inclui a falta de disposição ao trabalho da população, dado o caráter sazonal da colheita da erva, pois nada impediria que fosse cultivado outra espécie entre uma safra e outra:

---

<sup>2</sup> Advogado e Juiz Municipal, disponível em  
<<http://www.memorial.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=11>>



“Não obstante serem agora limitados os seus lucros, essa indústria, que se alimenta com folhas e galhos de árvores não plantadas e realiza prontamente os salários dos trabalhadores e os proveitos dos capitalistas, favorece não pouco os hábitos de uma vida indolente e descuidosa, acrescentando a facilidade de obter-se os gêneros alimentícios, que aqui produzem abundantemente. A população, se fosse laboriosa e uma maior ambição a estimula-se a algar o círculo industrial teria sobejo tempo não só para o trabalho tão simples da colheita e preparo do mate, que só faz em uma limitada parte do anno, como para os trabalhos agrícolas mais distintos.” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1866, ed. 668 p.3)

Para representar a forma como o mate gera riquezas, Bento de Barros faz uma analogia com uma mina de ouro, “...lançaram se os habitantes com ardor nas mattas, porfiando cada qual em aproveitar o mais possível o produto natural, porque no pensar de todos devia a fortuna jorrar dessa fonte.” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1866, ed. 668 p.3).

Na mesma edição, Bento ainda discorre que a falta de produção dos demais cereais no Paraná devesse ao lucro fácil e espontâneo da erva mate, sendo o determinante do abandono de outras culturas agrícolas.

Na edição 897, o inspetor da tesouraria provincial, Joaquim Dias da Rocha, em relatório encaminhado ao presidente de Província, nota que houve ganho com a exportação de erva mate, entretanto ressalva que se deve a algo circunstancial, neste caso, a guerra do Paraguai.

Na continuação do relatório, nota-se uma repetição das críticas, principalmente em relação a baixa qualidade do mate produzido, a perda de espaço para a concorrência com o mate do Rio Grande do Sul e o pouco avanço para o mercado europeu.

Na edição de 1868, na coluna de comunicações, o jornal informa sobre uma reunião ocorrida na câmara municipal com os donos de engenho, que tratava sobre peneirar a erva mate antes de ir para a balança, evitando as fraudes com o peso da erva (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1866, ed. 862 p.3).

Novamente em 1869, o jornal replica uma notícia publicada no exterior sobre a erva mate, nessa oportunidade em uma revista de Paris em 1864. A reportagem tece

elogios as propriedades do chá produzido na América do Sul, e funciona, de maneira bem direta, a repetir as críticas já feitas pelos presidentes.

“Mas para fazer entrar esta bebida tão preciosa em nossos hábitos europeus, torna-se necessário que a erva seja preparada com mais cuidado e misturada com perfumes que agradem ao nosso como aquelles que se reúnem ao chá da China” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1869, ed. 1012 p.2).

No mesmo ano, no relatório da tesouraria providencial há uma declaração sobre as perspectivas positivas para a erva mate paranaense como uma das consequências da guerra. O cenário naquele momento era de alta na demanda nas republicas do Prata, enquanto a erva mate produzida no Rio Grande estava reduzindo (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1870 ed. 1067 p.2).

Em edição de 1870, na coluna A Pedido e sem assinatura, há uma revisão geral sobre a situação das vias na província. É citado o distrito de Arraial Queimado, que posteriormente viria a ser a cidade de Bocaiuva do Sul, descrito como um local que há 3 engenhos e algumas casas comerciais, e que exportava erva mate, sendo uma localidade “...*que se não é um dos mais ricos, também não é dos mais pobres...*” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1870 ed. 1074 p.2).

Nota-se que a erva mate não é considerada um gênero capaz de gerar riqueza, mas uma atividade capaz de manter a subsistência e fornecer certo padrão de vida. No mesmo ano, ainda há a publicação do engenheiro Antonio Pereira Rebouças Filho, chefe da comissão da construção da estrada para Mato Grosso. Como a construção da estrada passa por diversos povoados, o engenheiro apresenta um relatório sobre a situação desses povoados e da economia, e, portanto, também da produção da erva mate.

A lavoura – milho e feijão – é descrita como “... *acessório para cada um suprir-se de gêneros alimentícios, vendendo as sobras nos annos favoráveis.*” ...” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1870 ed. 1125 p.2). Entretanto, apesar de considerar a forma de plantio muito rústica, destaca a boa produtividade da terra.

O engenheiro encontra como motivo, para a falta de dedicação ao trabalho do povo, a oferta natural de produtos e a extração da erva que supri a necessidade de dinheiro.

“Quando um povo tem a seu dispor para supri-lo do mais necessário uma natureza tão benigna e prodiga, quando acha nos bosques a herva mate, a cuja extracção recorre se carece de dinheiro; quando nossos campos o gado por si procria em grande escala, sem mais trabalho do que o de lhe dar sal algumas vezes; o que admira que seja indolente e não se dedique aos pesados labores da verdadeira agricultura?” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1870 ed. 1125 p.3).

Podemos destacar alguns pontos importantes, novamente a repetição da falta de tendência laboriosa do população e ausência de uma “verdadeira” agricultura.

Na mesma publicação, o engenheiro ainda evidencia que a Alemães que se estabeleceram ao redor de Curitiba, deram o exemplo de produção agrícola e de criação de animais, alcançando “...os belos resultados que tem apresentado do trabalho inteligente, já tem provocado imitadores entre os próprios filhos do paiz.” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1870 ed. 1125 p.4).

#### 4.2 ELEMENTOS NOS DISCURSOS NO JORNAL O DEZENOVE DE DEZEMBRO

Há nas publicações do jornal pelo menos duas linhas de discursos. Uma primeira, que surge algumas vezes, do editorial do jornal; e uma segunda, de um grupo instruído, algumas vezes ligado ao governo, que de maneira direta ou indireta comenta sobre a extração e produção de erva mate.

O editorial do jornal é marcado, provavelmente por motivos econômicos, por um tom mais para o governo. Antes do período da Guerra do Paraguai, o editor elogia a administração da província, mesmo com uma queda do preço do principal produto local, como também os estímulos feitos a outras culturas agrícolas.

O jornal também, em algumas ocasiões, reproduz reportagens de jornais sobre a necessidade de aperfeiçoamento e melhoria da qualidade do mate. Apelo feito repetidas vezes pelos presidentes nos relatórios.

Quando observamos o discurso de parte da sociedade nas colunas do jornal O Dezenove De Dezembro, os termos apresentam um caráter menos “suave”, isto é, o

atraso da sociedade e da industrialização se deve ao caráter “ignorante” e “indolente” da população, como também a falta da disposição ao trabalho.

A erva mate repetida vezes é vista como um bom meio de subsistência, mas não como um gerador de riquezas. E também, em diversas ocasiões, como um empecilho para o desenvolvimento de outras culturas agrícolas.

Em mais de um momento, a vinda dos alemães para o entorno de Curitiba é vista como um processo civilizador, uma vez que dominam a agricultura de diversos cereais e da criação de animais.

Em suma, apesar dos agentes nesse momento entenderem o papel que a erva mate exercia ao comércio e como uma primeira opção para subsistência, essa era vista como pouca intervencionista e dominante de técnicas avançadas. Aqueles que trabalhavam na extração da erva eram vistos como não “laboriosos” e indolentes, até mesmo devido a baixa qualidade do mate e da produção em larga escala de outros produtos agrícolas. Portanto, a esperança de desenvolvimento e civilização é vista como desconexo da produção do mate.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das análises realizadas os presidentes de província, em seus relatórios apresentados à Assembleia Provincial, demonstravam de maneira geral, as limitações e problemas que o modo de produção de erva mate significava para economia paranaense.

A economia ervateira era uma economia extrativista, onde era possível a obtenção de lucros, mesmo que sazonais, capazes de sustentar toda uma população. Ainda cabe outra observação, a característica popular da erva, levando em conta a facilidade de retirada e oferta natural do produto, tornava a produção ervateira vantajosa para a população mais simples.

A interpretação de Pereira (1996) é que esse tipo de produção acarretou o “estrangulamento” da agricultura de subsistência, isto é, a diminuição da produção dos alimentos de primeira necessidade. Por outro lado, nos discursos dos presidentes a falta de outros produtos deve-se, além dos lucros na produção do mate, a falta de conhecimento técnico no manejo de cereais ou de animais.

Os estímulos a criação de animais e produção de cereais é constantemente repetida nos discursos dos presidentes, e elogiada pelo editorial do jornal.

Por outro lado, nos discursos vindos do jornal, havia uma maior rispidez por parte da sociedade em relação à economia do mate, os trabalhadores eram vistos como indolentes e com pouca propensão ao trabalho, contrapondo-se aos trabalhadores alemães mais ao final da década.

Os trabalhadores alemães, tanto pelos discursos dos presidentes quanto da sociedade que escreve para o jornal, são vistos como os responsáveis pelo aumento da produtividade agrícola e pelo aumento da oferta de cereais a partir de 1865.

Balcewicz (2000) indica que o início da atividade industrial na província foi muito atrelado à atividade industrial ervateira. De fato, uma das primeiras máquinas a vapor foi construída em Antonina para o processamento da erva mate. Entretanto, havia uma percepção geral na década de 1860 que a indústria ervateira era demasiada simples e pouco modernista, é possível notar isso nas declarações de Bento Fernandes de Barros, durante o governo de André Fleury.

O caráter sazonal, o lucro sem a necessidade de investimento e fácil participação da população explica a baixa participação de mão de obra escrava.

Sobre a questão de urbanização apontada por Pereira (1996), não encontra-se uma ligação direta, não pelo menos na década analisada, entre urbanização e erva mate. Apesar dos fluxos de capital serem positivos para qualquer processo de crescimento. A percepção dos presidentes era que o mate era menos “civilizatório” e “transformador” do que os movimentos dos tropeiros, ou da madeira, e menos ainda do que a produção de carneiros e trigo.

Sobre a afirmação de Vanali (2013) de que se acentuavam cada vez mais medidas de intervenção do Estado, no esforço de manter a posição de destaque da erva nos mercados internacionais. Pelo menos na década analisada, quando observados os discursos no período de 1860 – 1870, pouco o Estado fez para manter a posição de destaque, nada além de mandar amostras do mate para embaixadores, cobrar a população por meio dos jornais para manter certo padrão de qualidade, evitando a mistura com galhos, e um concessão de um prêmio, que ao final não foi pago, aos senhores João Antonio Pereira e Joaquim Antonio Pereira Alvez pelo primeiro engenho a vapor da erva mate.

Na publicação assinada pelo engenheiro Antonio Pereira Rebouças Filho, além dos elementos presentes nos discursos anteriores, o autor ainda inclui como responsável para falta de labor da população local, a boa produtividade da terra, pois não era necessário muito trabalho para obter o mínimo para subsistência.

Por fim, por mais que a erva mate tenha exercido um papel importante, a dependência em relação ao mate, era longe de ser vista como algo reconfortante e positivo, seja pelas incertezas geradas pelo mercado consumidor do produto, seja pela maneira como a produção ocorria, seja pela pouca modernização da produção. Isto era algo que, na visão dos presidentes de província e de alguns membros da elite burocrática da província que analisamos, atrapalhava o desenvolvimento diversificado da economia, entre outras coisas.

Tivemos, naquele momento, tivemos a construção de um conceito antiético assimétrico como explica Koselleck (2006), a ideia do camponês rural, pouco instruído, não laborioso e indolente.

## 6. REFERÊNCIAS

DE DEZEMBRO, Dezenove. várias edições. **Hemeroteca da Biblioteca Nacional.**

JASMIN, MARCELO GANTUS. Prefácio. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RIO, 2006.

KOSELLECK, REINHART. O futuro passado dos tempos modernos. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, p. 21-39, 2006.

LIMA, CARLOS A. M. Uma “informação” sobre os negócios da erva-mate e o seu autor (1837). **História Econômica & História de Empresas**, v. 14, n. 1, 2012.

LIMA, Carlos A. M.. Os patrimônios e o declínio da escravidão no Paraná (São José dos Pinhais, 1852-1886). In: **VI Congresso Brasileiro de História Econômica e 7a Conferência Internacional de História de Empresas, 2005**, Conservatória. VI Congresso Brasileiro de História Econômica e 7a Conferência Internacional de História de Empresas - Anais. Belo Horizonte: ABPHE, 2005. v. 1. p. 1-25.

MAGALHÃES FILHO, FRANCISCO. Evolução histórica da economia paranaense. **Revista paranaense de desenvolvimento**, Curitiba, n. 87, jan./abr., 1996, p. 131-148.

MIZUTA, CELINA MIDORI MURASSE. Informar, polemizar e denunciar: o papel educativo do jornal "O Dezenove de Dezembro"(1854-1857). **Simpósio Nacional de História. Natal, Brasil**, v. 27, 2013.

PARANÁ. *Relatório Oficial do Presidente da Província José Francisco Cardoso.* Curitiba: DEAP, 1860.

\_\_\_\_\_. *Relatório Oficial do Vice-Presidente da Província Sebastião Gonçalves da Silva.* Curitiba: DEAP, 1863.

\_\_\_\_\_. *Relatório Oficial do Presidente da Província André Augusto de Pádua Fleury.* Curitiba: DEAP, 1865.

\_\_\_\_\_. *Relatório Oficial do Presidente da Província Antônio Barbosa Gomes Nogueira.* Curitiba: DEAP, 1862.

\_\_\_\_\_. *Relatório Oficial do Presidente da Província Antônio Barbosa Gomes Nogueira.* Curitiba: DEAP, 1863.

\_\_\_\_\_. *Relatório Oficial do Presidente da Província José Feliano Horta de Araújo.* Curitiba: DEAP, 1868.

\_\_\_\_\_. *Relatório Oficial do Presidente da Província Polidoro Cezar Burlamaque*. Curitiba: DEAP, 1867.

PEREIRA, MR de M. Semeando iras rumo ao progresso. **Curitiba: Editora da UFPR**, v. 3, p. 28, 1996.

PEREIRA. MAGNUS ROBERTO DE MELLO. **Semeando Iras Rumo ao Progresso. Curitiba. Editora da UFPR**. 1996.

WESTPHALEN, CECÍLIA MARIA. **Porto de Paranaguá, um sedutor**. 1998.

VANALI, ANA CRHISTINA. **A Erva-mate e a política Paranaense**. Curitiba. 2013.